

que sorte ~~a minha~~ a tua  
andrea ramos

Ao meu «Quarteto do *Cycling*»,  
Sem vocês, a Sofia e o Gonçalo nunca teriam existido.



A ti, que te esforças todos os dias.  
Não desistas.  
Lembra-te de que o que é teu a ti virá.



## PLAYLIST

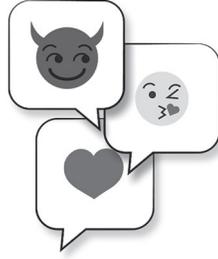


- «LOVE I'VE BEEN JEALOUS OF» — RACHEL GRAE
- «BIRDS OF A FEATHER» — BILLIE EILISH
- «LOVE SONG» — SARA BAREILLES
- «WANNABE» — SPICE GIRLS
- «UMBRELLA» — RIHANNA FEAT. JAY-Z
- «THE MAN» — TAYLOR SWIFT
- «WHAT A CONVINCING ILLUSION» — ROSIE DARLING
- «THINGS I'LL NEVER SAY» — AVRIL LAVIGNE
- «SATELLITE» — NICKELBACK
- «NEED YOU NOW» — LADY A
- «A DROP IN THE OCEAN» — RON POPE
- «WRECKING BALL» — MILEY CYRUS



PRÓLOGO

# SOFIA



**E**stou habituada a ir a cemitérios com os meus pais. Não sou uma criança esquisita e não tenho uma família esquisita. Adoro a minha mãe, especialmente no inverno, quando faz aquelas bolachas de abóbora deliciosas. E o meu pai é o melhor pai do mundo, ensinou-me a andar de patins no verão passado, mesmo depois de ter caído e magoado as costas. Mas os nossos passeios de família, por vezes, em vez de serem ao jardim ou a um museu, como alguns dos dos meus amigos, são ao cemitério da nossa cidade.

Cresci a imaginar vidas para as pessoas cujos corpos habitam debaixo da terra, como foi crescer e viver há dezenas de anos e se há alguém a chorar por elas. Alguém que as ame. Às vezes, dou por mim sentada num banco de pedra enquanto os meus pais percorrem as lápides com flores nas mãos, e fico mesmo a torcer para que sim. Para que haja alguém a sentir falta destas pessoas, porque, quando morrer, vou querer que alguém sinta a minha. Sinto-me triste ao pensar que posso acabar numa daquelas campas sem flores, tristes.

A mãe diz que as campas mais vazias são as que devem comportar as melhores histórias. Que pertencem a pessoas que divergiram da norma ou que, por força das circunstâncias, não têm ninguém que sinta a sua falta. É a essas que ela gosta de ir deixar flores, conforme eu faço os trabalhos de casa à espera de que se despachem.

No entanto, hoje, não me trouxeram a um cemitério. Quando uma das colegas da minha mãe nos convidou para o casamento, achei que seria aborrecido. Tenho sete anos e não há mais crianças da minha idade aqui, por isso, passar um dia inteiro numa festa de adultos adivinhava-se uma seca. A cerimónia ainda nem sequer começou e já estou aborrecida e farta de que os adultos olhem para mim e digam: «Estás tão bonita com esse vestidinho de folhos.»

*Quem me dera estar em casa a ver os desenhos animados ou no cemitério a pôr flores às pessoas que não têm ninguém a sentir a falta delas.*

A igreja não é muito grande e, por sorte, conseguimos um lugar sentados nos bancos corridos. Está bonita, tenho de admitir. Tem algumas velas acesas e flores brancas junto a todas as correntezas de bancos, e uma tapete gigante que vai da entrada ao altar. O meu pai disse que aquele piano gigante se chama órgão, e está lá sentada uma senhora com um manto comprido, a tocar música ambiente enquanto toda a gente ocupa os seus lugares. Mas não gosto do cheiro. É um cheiro *frio*, cheira a paredes e flores e, de certa forma, faz-me lembrar as flores que deixamos nas campas. Não gosto da ideia de o dia feliz da colega da minha mãe ter o mesmo cheiro que os dias tristes da vida de muitas outras pessoas.

Quando espreito para trás, vejo muita gente de pé porque há mais convidados do que assentos, e ajeito o meu vestido com folhos, para parecer merecedora do meu lugar. Afinal, nós podemos sentar-nos e esperar enquanto aquelas pessoas parecem estar de castigo porque a noiva *nunca* chega a horas.

No altar, está o padre com quem às vezes nos cruzamos na padaria, e ele sorri-me e diz-me adeus quando me vê a olhar. Espero que não saiba que ontem menti à professora quando disse que prometi que não tinha copiado os trabalhos de casa. Disse-lhe que, como eu e umas amigas minhas andamos na mesma explicadora, aprendemos todas a pensar da mesma maneira, mas a verdade é que há uma menina nova na minha turma, a Chica, e ela é mesmo inteligente. Copiei os trabalhos de casa por ela e depois ficámos a brincar.

*Se o padre souber e contar à minha mãe, a Chica não vai poder vir de novo para a minha casa.*

— Sofia, estás a ouvir-me?

A minha mãe está bonita. Ela é sempre bonita, mas cortou o cabelo

de propósito para o casamento e enrolou-o em canudos bem pequeninos, quase como a caniche da prima da nossa vizinha, que passa a vida a visitar o nosso prédio. Usa um vestido simples, clarinho, e um casquinho com rendas. O meu pai, ao seu lado, ajeita a gravata e inclina-se para mim, piscando-me o olho.

Não estava a ouvir a minha mãe porque me dói o dedo mindinho nestes sapatos brancos, novos, e estava focada em mexê-lo para ver se, mudando de posição, doía menos. *Não dói.* Porque é que as pessoas não podem vir para os casamentos como andam na rua? Se a minha mãe me tivesse deixado vestir umas calças de ganga, a minha blusa da *Barbie* e umas sapatilhas com brilhantes, ia estar muito mais confortável.

A música que começa a soar é diferente da que a senhora tocara antes, ecoando agora por todo o espaço, e as pessoas começam a voltar-se para trás.

— Olha, lá vem ela. Espreita aqui.

Inclino-me para onde o meu pai indica, e o meu sorriso abre-se.

*Uau.*

A noiva traz um vestido muito simples, branco, apenas com uma manga e liso até ao chão. Não tem rendas nem folhos, nem é armado como o vestido da Cinderela. Não tem um véu muito comprido nem o cabelo num daqueles apanhados que as amigas da minha mãe costumam fazer e que parecem desconfortáveis. Acompanhada de duas meninas mais pequenas, que espero que não queiram brincar comigo mais logo, caminha com um ar simpático, a sorrir para todas as pessoas.

*Ela parece mesmo, mesmo, mesmo feliz.*

Nunca tinha vindo a um casamento, e, normalmente, quando vejo os adultos a darem um beijo, reviro os olhos. É *nojento*. Uma vez perguntei à minha mãe como é que os adultos sabem se o outro adulto lavou os dentes depois de ter comido aquelas pastilhas que nos deixam a língua azul, e ela respondeu que os adultos não comem essas pastilhas, mas não me disse nada acerca de conseguirem saber se, quando dão um beijo, a outra pessoa lavou os dentes ou não. *E depois há a baba.* Se quando a minha avó me beija fico com a bochecha toda babada, nem quero imaginar se alguém me desse um beijo na boca... *Blhac.*

Apesar de não querer ver esta noiva a beijar o noivo, acho que gosto dela. E, quando olho para o altar de novo, os meus olhos ficam pregados ao homem que a espera.

Está a olhar para a mulher que caminha de branco como o Joãozinho olhou para a senhora do bar da escola quando, no outro dia, ela lhe entregou o último *croissant* de *Nutella*. Os *croissants* de *Nutella* são muito melhores do que os de ovo ou os de queijo e fiambre, e todos os meninos da turma querem comprar um, pelo menos, uma vez por semana. Aquele era o último e, por isso, o mais desejado. E o Joãozinho conseguiu-o. Penso que, de certa forma, é isso que o noivo sente: olha para a futura mulher como se fosse o seu bem mais desejado, mais prezado, e prestes a ser dele.

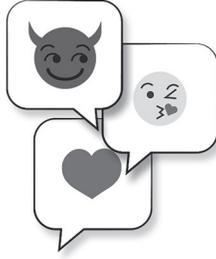
Talvez isto seja o amor de que tanto ouço os adultos a falar. Talvez o amor seja quereremos muito estar com alguém que nos dá *croissants* de *Nutella* e conseguirmos.

Apesar de os beijos serem nojentos, decido que amo o amor.

*Quero-o para mim.*

## CAPÍTULO 1

# SOFIA



**Chica:** Precisas de uma mudança na tua vida.

**Sofs:** A minha vida está ótima como está.

**Chica:** Não estou a dizer que tens de te tornar a Britney Spears nos seus anos de loucura, mas há quanto tempo não fazes sexo?

**Sofs:** Deixa-me em paz.

**T**enho de pintar as unhas dos pés. Estou sentada na sanita a olhar para os meus pés enfiados nuns chinelos de praia, azul-claros, e é nisso que penso. A unha do dedo mindinho, que só serve para bater nos cantos dos móveis, já pouco mais tem do que uma pinta de cor-de-rosa, e a cor das outras já se esbateu. Se for sincera, não me escandaliza. Não me recordo da última vez em que as pinte.

Porque é que estou a pensar nas minhas unhas dos pés?

*Ah, pois, porque isso me distrai do quanto a minha vida está total e absolutamente de pernas para o ar.*

Sempre gostei de pensar em mim como uma mulher forte e independente, mas, agora, talvez, *só talvez*, começo a repensar isso. Porque

uma mulher forte e independente não estaria sentada na sanita durante mais do que o tempo necessário para fazer, bem, *coisas que as senhoras não fazem*, só porque não lhe apetece enfrentar o mundo lá fora.

A minha atenção é desviada para o aromatizador automático que está em cima do móvel, e as minhas narinas são invadidas por um cheiro que me faz espirrar. A embalagem diz que *é brisa do mar*, mas é mentira.

A questão é que... desde pequena, sempre acreditei naquele amor tão forte que inunda uma sala. No sorriso do noivo, no altar, a olhar para a mulher da sua vida a desfilar de branco na igreja enfeitada. Em reuniões familiares cheias de risos, gargalhadas e camisolas foleiras. Em dar e receber de igual maneira, não porque o pedimos, mas porque do outro lado nos querem retribuir. Nos querem ver felizes. Sempre sonhei com Natais cheios de luz, felicidade, largos sorrisos e olhos lacrimejantes porque o homem sabe sempre surpreender a mulher — ou vice-versa, porque *século XXI, mulher independente e tal*. Em rosas roubadas de canteiros e oferecidas sem motivo. Em beijos à chuva, mesmo que se seguissem de uma leve constipação. Sempre acreditei em tudo isso porque sempre acreditei no amor. Mas, à medida que os anos vão passando, não consigo deixar de afastar um pensamento da minha cabeça.

*O amor é uma merda.*

Pergunto-me se era ingénua, se não sabia o que era a vida, ou se nunca ter conseguido aguentar uma relação durante mais de um ano, apesar de ser uma adulta perfeitamente funcional, se deve às minhas expectativas totalmente irrealistas.

Todas as minhas relações começaram de uma forma absolutamente perfeita. Na pré-primária, o Francisquinho ofereceu-me um malmequer já quase sem pétalas à porta da casa de banho e disse que queria namorar comigo. Claro que aceitei. Mas o Francisquinho também ofereceu um malmequer a outra menina na semana seguinte, e como o dela tinha mais pétalas do que o que me tinha oferecido, fiquei chateada e dei-lhe um pontapé. Além de a minha mãe me ter dito que não podia bater nos meus amigos, também me disse que era muito nova para namorar e que devia esperar alguns anos.

*E foi o que fiz. Esperei, porque vale a pena esperar pelo amor.*

O João Paulo, o meu primeiro namorado a sério, ajoelhou-se no baile de finalistas para me pedir em namoro. O Afonso, o meu segundo namorado, trouxe-me uma rosa por dia durante duas semanas até eu

aceitar sair com ele. O outro João, desta vez João Pedro, o meu terceiro e último namorado, é pasteleiro e fez um bolo com um par de brincozinhos lindos lá dentro, o que acaba por ser igualmente querido, nojento e perigoso, visto que facilmente os podia ter engolido por estarem sem a caixa.

Como é que se passa disto para se procurar um namorado quase na casa dos trinta anos, em que tudo o que vejo disponível quando olho em volta são pais solteiros sem um pingote de responsabilidade, desempregados desdentados precocemente, pessoas que nunca saíram nem tão rapidamente conseguirão sair das casas dos pais com esta economia ou... bem, isso basicamente resume tudo.

*E depois, claro, há aquela piada típica que toda a gente diz e que só me faz revirar os olhos.* Que estamos numa idade tão abrangente que tanto podemos namorar com os filhos como com os pais.

*Se ao menos se vendesse noção às colheres, sei que muito boa gente precisaria de comprar.*

Talvez o amor seja apenas uma coisa bonita que vemos nos filmes e que os mais velhos fingem ter para ambicionarmos algo à medida que crescemos, mas recuso-me a acreditar nisso. Afinal, caso contrário, com o que sonharíamos? Empréstimos à habitação extremamente elevados ou *burnout* para os conseguirmos suportar? Isso seria só deprimente.

*Se calhar, tens de ser menos picuinhas e divertires-te!*, soa-me na cabeça, pela voz da minha melhor amiga. A Francisca — Chica para mim — foi sempre o meu oposto, mesmo quando éramos miúdas. Conheci-a no segundo ano. Enquanto eu trocava as pernas e caía a andar em plano, ela era um ás na Educação Física. Ao mesmo tempo que eu quase vomitava sempre que tinha de fazer uma apresentação em público, ela rejubilava perante a atenção. Enquanto eu sempre fui seletiva e procurei o amor em todos os cantos, ficando devastada sempre que não dava certo, ela, bem, foi fazendo a sua própria pesquisa ao longo das várias camas de Portugal.

Quando arranjo coragem para enfrentar o mundo, enfio-me no meu *soutien* desportivo e nas minhas *leggings* justas e ponho um casaco por cima, olhando de relance para a página do obituário do jornal local que tenho em cima da sapateira, no *hall*. Duas velhotas e um senhor de quarenta anos, que descansem em paz. Não é que esteja à espera de encontrar alguém conhecido no obituário, é só a minha forma de celebrar as pessoas que amo ainda cá estarem e de estar agradecida por isso.

*E, por vezes, de pensar em como foram as vidas das pessoas que já cá não estão.*

Deço em direção ao ginásio, a poucos metros do meu apartamento, em Loures, com a mínima das vontades.

— Despacha-te, está quase na hora! — A Isabel passa por mim em passo de corrida quando estamos quase a chegar ao balneário, e sorri-me de fugida.

— Estou a ir, Isa, calma. — Rio-me, pousando a minha mala de desporto no banco ao lado dela. — Hoje vens cheia de vontade.

Ela encolhe-me os ombros e começa a trocar a farda de hospedeira por uns calções e um *top* de desporto. À exceção de nós, há apenas mais meia dúzia de mulheres a despachar-se.

— Já tu vens a arrastar-te — diz, pondo-me a língua de fora.

Reviro-lhe os olhos e começo a guardar as coisas no cacifo. A Isabel foi a primeira pessoa que eu e a Chica conhecemos quando nos inscrevemos neste ginásio. É um ano mais velha do que nós e tem um cabelo acobreado lindo de morrer, liso, até meio das costas. Em conjunto com a Olívia, que trabalha com a Chica na Silk, uma loja de *lingerie* de luxo, e foi arrastada para cá, formamos o «Quarteto do *Cycling*», e todas as terças e quintas encontramos-nos aqui.

— Estou tão, tão, tão atrasada. A loja estava de loucos hoje. — A Olívia entra no balneário que nem um furacão, e duas outras mulheres olham para ela e riem-se, tal como nós. Ainda tem os óculos de sol tortos na cara, o casaco a descair pelos ombros e as duas malas, a pessoal e a desportiva, enleadas uma na outra, algo que ainda piora ao tentar pousá-las no banco junto da Isabel. — Vão andando sem mim, senão não apanhamos os melhores lugares.

Não precisamos de a ouvir duas vezes. Eu e a Isabel marchamos para a sala de *cycling*, já aberta, e corremos para as bicicletas da primeira fila, na zona lateral. São os melhores lugares, e em nada tem que ver com o quanto (pouco) gostamos de pedalar, mas sim com o *personal trainer* que nos dá a aula.

Confesso que no início amaldiçoava a Chica por me obrigar a passar por cinquenta minutos de pura tortura apenas para lavar as vistas, mas, ao fim de quase três meses, as minhas pernas já não parecem gelatina e não sinto que os meus pulmões ainda sejam um balão com uma fuga. Em vez de passar todos os minutos a ofegar, há uma ou outra

música que até já consigo cantarolar e, sim, ajuda que o Fred seja mesmo *muito, muito, giro*, daquela forma exagerada em que tudo parece rijo. Como se fosse altamente desconfortável para alguém se deitar no peito dele. Tem uma barba farta que faz companhia a uma cabeleira ondulada, de tons de areia, e um olhar penetrante — e vou fingir que é nisso que todas nos focamos enquanto suspiramos, e não nos bíceps quando se agarra ao guiador com mais força ou quando põe o punho para cima para nos incentivar a pedalar com mais força, ou nos gémeos conforme vai aumentando o peso dos pedais.

— A Chica vai odiar perder esta aula — comenta a Isabel.

— Aquela manga cava só lhe fica bem a ele, não é? — baba-se a Olívia.

Eu apenas me rio enquanto avanço, sem sair do lugar, ao som dos Foo Fighters. Sim, porque além de ser bom em demasia, o Fred tem uma coisa que não se treina: bom gosto nas *playlists* que cria para manter a turma motivada.

A Olívia junta-se a nós pouco depois de a aula começar, e não me escapa o olhar de vitória que nos manda por ainda ter a sua bicicleta de vista privilegiada disponível.

Quando, cinquenta minutos depois, me arrasto para a cabina de duche, estou com aquela incrível sensação de dever cumprido.

—... ele nunca vai olhar para nenhuma de nós — ouço uma delas dizer quando me aproximo de toalha enrolada e começo a procurar a roupa dentro da mala.

— Quem é que nunca vai olhar para nenhuma de nós?

— O Fred — elucida a Isabel, recebendo um olhar descrente da minha parte. Porque... é óbvio, não é? — Ele tem as mulheres todas a cair por ele.

— Trágico — suspira a Olívia, conforme veste uma *t-shirt* e umas calças de ganga. — Vamos ficar solteiras para sempre, não é?

Rio-me um pouco e visto-me apressadamente. Amanhã é dia de trabalho e, como sempre, não tenho jantar feito.

— Oh, já sei! Deviam aderir a uma daquelas plataformas de encontros. — A ideia sai dos lábios da Isabel como se nada fosse.

Quando olho em choque para ela, a nova amiga que o ginásio me deu e que penteia o cabelo com os dedos, como se não tivesse dito a maior parvoíce à face da Terra, apenas me encolhe os ombros.

— Isa, estás louca. É que nem pensar — respondo, olhando para a Olívia à procura de apoio.

— Porque não? Tenho a certeza de que também lá há pessoas normais. — A forma como fala é descontraída, mas não o suficiente para me convencer.

Eu quero encontrar o amor, não quero encontrar... *Argh*, homens desesperados atrás de um ecrã porque não se querem dar ao trabalho de conquistar alguém da forma acertada.

A voz da Chica a dizer-me que preciso de mudar de perspetiva volta a soar-me na cabeça, mas silencio-a em três tempos.

Olho para a Olívia à procura de apoio, mas não gosto do olhar que encontro e, quando abre a boca, tudo fica pior:

— Bem... Até podíamos. Porque não? Podia ser uma experiência social se todas aderíssemos. A Chica está farta de me falar de uma nova aplicação chamada Right4You. Acho que, se a rapariga não responder em menos de vinte e quatro horas, a correspondência é desfeita automaticamente porque significa que não houve interesse. No pior dos casos, temos histórias para contar.

— Sim! — exclama a Isabel, ao mesmo tempo do meu redondo:

— Não!

Olham as duas para mim e, *meu Deus, nem acredito que vou dizer isto*.

— Eu só... É tão constrangedor. Não conheces a pessoa de lado nenhum. Também pode ser perigoso. E se as nossas correspondências forem assassinos em série, ou, pior, como um daqueles homens que deixam a unha do dedo mindinho mais comprida do que as outras para se poderem coçar ou tirar macacos do nariz? — As três simulamos um vômito, e sei que estou a ganhar terreno, por isso, não paro por aqui. — Não vamos encontrar o que queremos nessas aplicações. Aposto que não há lá nada de jeito.

— Quanto?

— Quanto o quê?

— Quanto apostas? — Pelo sorriso da Isabel, sei que já meti a pata na poça — Tu e a Olívia juntam-se à Chica nessa aplicação e...

— Ai é? Então e tu? — interrompe a Olívia, cruzando os braços.

Já estamos as três despachadas, apenas de pé no balneário a discutir aquele que deve ser o pior plano de encontrar o amor de sempre.

— Eu? Nem pensar, já dei para esse peditório. Não ando mesmo à procura de nada. Gosto da minha vida da maneira que está. Não quero mudar absolutamente nada. Mas quero saber todas as vossas histórias, isso não está aberto a discussão.

— Tudo bem. Eu e a Sofs criamos perfis e, quem sabe, talvez consigamos ser surpreendidas. — A Olívia entrelaça o braço no meu e arrasta-nos finalmente para fora do balneário, com a Isabel no nosso encalço. — Vai ser incrível. Vamos instalar amanhã.

Não me lembro de quando concordei com isto, mas sei que, quando chegar aos ouvidos da Chica, não vou ter qualquer hipótese de me escapar. Mais vale tomar as rédeas da situação antes que tome como sua missão pessoal criar o meu perfil e colocar algo como «montar a cavalo» nos meus interesses.